

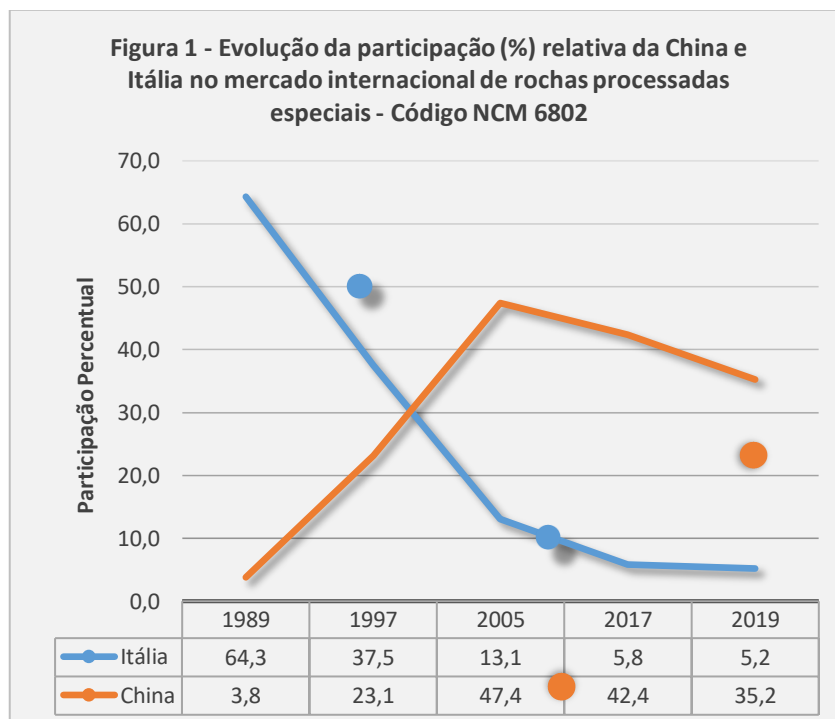
HISTÓRICO BRASILEIRO NO MERCADO INTERNACIONAL

A partir da década de 1990, o Brasil experimentou um notável adensamento de atividades em todos os segmentos da cadeia produtiva do setor de rochas ornamentais e de revestimento. Os principais avanços foram decorrentes do aumento das exportações, que evidenciaram uma forte evolução qualitativa e quantitativa.

Qualitativamente, foi modificado o perfil das exportações com o incremento da venda de rochas processadas semiacabadas, principalmente chapas polidas de granito, bem como de produtos acabados de ardósias e quartzitos foliados. Quantitativamente, essas exportações evoluíram de 900 mil t em 1997, para 2,5 Mt em 2007, alavancadas pelas vendas de chapas polidas para os EUA e de blocos para a China.

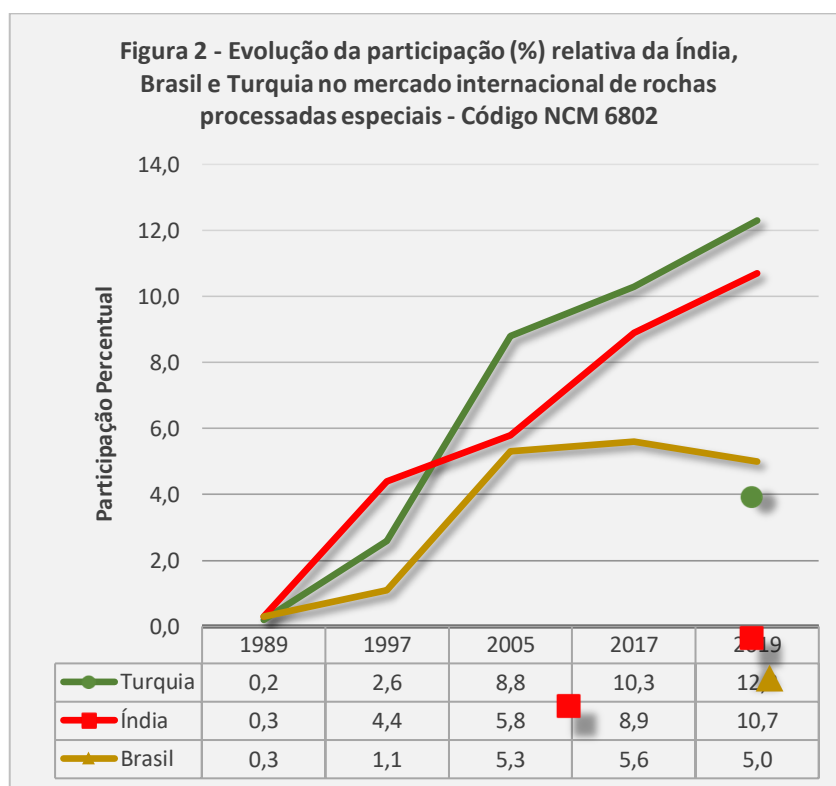
O atendimento da demanda do mercado externo exigiu que novos materiais fossem continuamente colocados em produção, destacando-se as denominadas rochas exóticas, de alto valor agregado, que hoje constituem um importante grupo de produtos brasileiros de exportação. Como resultado desse processo, o Brasil tornou-se conhecido pela sua excepcional “geodiversidade”, tendo comercializado no mercado internacional, ao longo dos últimos 30 anos, uma variedade de materiais maior do que toda a Europa nos últimos 500 anos.

No ano de 2006, o Brasil chegou assim a posicionar-se como o quinto maior produtor e exportador mundial de rochas ornamentais e de revestimento, superando vários *players* europeus tradicionais. O crescimento brasileiro foi simpático a uma expressiva rearticulação mundial do setor, marcada pelo deslocamento de atividades de lavra e beneficiamento para países extra-europeus, como China, Índia, Turquia e o próprio Brasil (Figuras 1 e 2).



A partir de 2008, primeiro com a crise do mercado imobiliário dos EUA e, posteriormente, já em 2009, com a recessão da economia mundial, recuaram tanto a produção quanto, sobretudo, as exportações brasileiras de rochas ornamentais. O volume físico dessas exportações regrediu de 2,5 Mt em 2007 para 1,99 Mt em 2008 e 1,67 Mt em 2009, enquanto o faturamento caiu respectivamente, de US\$ 1,1 bilhão para US\$ 955 milhões e US\$ 724 milhões.

Também a partir de 2008 e, principalmente, em 2009, por outro lado, registrou-se um expressivo aquecimento no mercado imobiliário brasileiro, que se tornou um alvo interessante para os grandes fornecedores mundiais de revestimentos, bem como uma alternativa real para as exportações.



As exportações avançaram mais do que o esperado em 2010, com faturamento de US\$ 959,19 milhões e um volume físico comercializado de 2,24 Mt. Frente a 2009, essas exportações tiveram variação positiva de 32,47% no faturamento e de 33,90% no volume físico, retornando ao patamar de 2008 (US\$ 955 milhões), porém com maior participação de rochas brutas no total exportado (Figura 3). As vendas externas continuaram muito polarizadas nos EUA, que compraram chapas polidas para recomposição de estoques, e na China, cujo mercado da construção civil, bem como a economia em geral, não parou de crescer e demandar blocos de granitos brasileiros.

O ano 2011 foi marcado pelo início da “desaceleração” da economia chinesa e pelo aprofundamento da crise econômica dos países da zona do euro. Apesar do fraco desempenho de sua economia, permaneceu ativo o mercado de recompra e reforma de

imóveis usados nos EUA, o que novamente posicionou o Brasil como principal fornecedor de rochas para esse país. As exportações brasileiras de rochas ornamentais totalizaram US\$ 999,8 milhões e 2,19 Mt em 2011. Registrou-se ainda o início de uma profunda mudança tecnológica no parque brasileiro de beneficiamento de chapas, pela substituição dos teares multilâmina de aço por teares multifio diamantados.

Em 2012, essas exportações brasileiras somaram US\$ 1,06 bilhão e 2,24 Mt, marcando variação positiva de respectivamente 6,08% e 2,27% frente a 2011. Acentuou-se, por outro lado, a queda do faturamento e da participação das vendas de ardósias e quartzitos foliados nas exportações.

Uma nota também importante para o ano 2012 foi o aumento da participação de rochas processadas nas exportações do setor, o que representou uma inversão da tendência assinalada desde 2008. A agregação dos teares multifio diamantados e o início de desvalorização do real, a partir do 1º semestre de 2012, resultaram em uma ampliação das margens de lucratividade e melhoria da competitividade das empresas.

No ano 2013, as exportações brasileiras de rochas somaram US\$ 1,3 bilhão e 2,73 Mt, marcando incremento de respectivamente 22,8% e 21,8% frente a 2012. Foram assim superados os recordes históricos de 2006 (volume físico) e 2007 (faturamento), com vendas muito fortes para os EUA e China, além da efetiva incorporação da tecnologia de fios diamantados para lavra e beneficiamento de blocos.

Assistiu-se, a partir de 2014, ao desaquecimento do mercado imobiliário brasileiro e a uma queda sensível das exportações para a China. Um ligeiro incremento das vendas para os EUA, mesmo frente à forte concorrência, permitiu que quase se repetisse o faturamento das exportações de 2013, ampliando a participação de rochas processadas no total exportado.

Esse quadro dos mercados interno e externo persistiu em 2015, com o câmbio favorecendo a rentabilidade dos exportadores. A queda do faturamento (-15,1%) das exportações gerais brasileiras, foi muito maior que aquela do setor de rochas (-5,3%). O preço médio das exportações de rochas elevou-se 3,8% frente a 2014, devido à queda de participação de rochas brutas (blocos) nessas exportações. Com dólar médio de R\$ 2,35, os exportadores brasileiros de rochas faturaram R\$ 3,0 bilhões em 2014. Com dólar médio de R\$ 3,33 em 2015, o faturamento foi de R\$ 4,0 bilhões, ou seja, 34,1% a mais do que em 2014, compensando a inflação (10%), o aumento de custo dos insumos importados e o aumento do custo de trabalho no período.

No ano 2016, as exportações somaram US\$ 1,1 bilhão e 2,46 Mt, com variação respectivamente negativa de 5,85% no faturamento e positiva de 5,82% no volume físico frente a 2015. As rochas processadas compuseram 80,15% do faturamento e 55,94% do volume físico das exportações. O preço médio das exportações recuou 11,03% frente a 2015, mais pelo aumento da participação de rochas brutas do que de rochas processadas. Mesmo com uma variação positiva de 5,82% no volume físico, acentuou-se a queda do preço médio dos produtos exportados (-11,3%), o que levou ao recuo registrado para o faturamento.

As exportações realizadas em 2017 somaram US\$ 1,1 bilhão e 2,36 Mt, com retração de, respectivamente, 2,74% e 4,10% frente a 2016. As rochas processadas compuseram 80,45% do total do faturamento e 55,62% do volume físico das exportações. O preço médio das

exportações evoluiu 1,41% frente a 2016, com variação positiva de 2,38% para rochas processadas e negativa de 0,98% para blocos de granitos e quartzitos, bem como também negativa de 8,02% para blocos de rochas carbonáticas. O aumento do preço médio geral das exportações – e principalmente das exportações de rochas processadas – foi devido ao crescimento da participação de produtos com maior valor agregado, destacando-se as chapas de quartzito, pela posição 6802.99.90, e as chapas de mármore branco, pelas posições 6802.91.00 e 6802.92.00.

No balanço dos últimos sete anos, as exportações brasileiras de rochas recuaram de US\$ 1,3 bilhão (2013) para US\$ 987 milhões (2020), mantendo-se um patamar de 80-81% de participação de rochas processadas no total do faturamento (vide Figura 3). A participação das exportações de rochas no total das exportações brasileiras, da mesma forma, recuou de 0,6% para 0,4% nesse período. Foi de US\$ 457,6/t o preço médio das exportações de rochas em 2020, contra US\$ 425,5/t das exportações gerais brasileiras. As chapas continuam representando o principal produto das exportações brasileiras de rochas ornamentais (Figura 4), totalizando 20,2 Mm² equivalentes em 2020.

Assumiram maior importância, no mercado internacional, os produtos de rochas carbonáticas (mármore), silicosas (quartzitos maciços) e ultramáficas (pedra-sabão). De maneira geral, registrou-se recuo do preço médio tanto de rochas processadas quanto de rochas brutas exportadas pelo Brasil.

O Brasil continua sendo o maior fornecedor mundial de rochas para os EUA e um dos grandes fornecedores para a China. Além do Brasil, são grandes fornecedores de rochas processadas, para os EUA, também a China, Itália, Turquia e Índia. China e Itália comercializam, sobretudo, produtos acabados, tanto padronizados (lajotas), quanto seriados (*cut-to-size*).

Nos EUA, as chapas polidas atendem ao mercado residencial unifamiliar, enquanto os produtos acabados atendem ao mercado residencial multifamiliar e ao mercado de obras comerciais. Pelo histórico da participação brasileira, os EUA constituem o principal alvo em perspectiva para os produtos comerciais objetivados pelo Brasil no mercado externo, incluindo-se, neste caso, rochas processadas semiacabadas (chapas) e, sobretudo, acabadas (produtos padronizados/lajotas, *vanity tops*, *countertops* e produtos seriados/*cut-to-size*).

Considera-se que o desempenho brasileiro recente do setor de rochas ornamentais, nos mercados interno e externo, tenha sido mais condicionado por fatores estruturais da economia nacional e da demanda mundial de revestimentos, do que pelos problemas e deficiências do próprio setor.

No plano interno, além da prolongada retração do mercado da construção civil, continuamos a enfrentar problemas como o do “custo Brasil”, que abriga uma elevada e complexa carga tributária e suporta uma infraestrutura deficiente, além dos altos custos do trabalho e das proteções tarifárias, apenas para citar alguns dos principais obstáculos competitivos brasileiros.

No plano internacional, o crescimento das principais economias continuou tímido até 2020, tendo-se enfrentado a forte concorrência de outros produtos de revestimento, genericamente designados “*quartz surfaces*” e “*solid surfaces*”, como o dos materiais rochosos artificiais e agora também dos produtos cerâmicos, neste caso representados por

porcelanatos de grandes formatos, que imitam, à perfeição, o padrão estético dos materiais rochosos naturais.

No 2º semestre de 2020, observou-se forte aquecimento das exportações brasileiras de rochas frente ao 1º semestre, já como reação do mercado à crise da pandemia do Covid-19. Prevê-se que esta recuperação seja mantida em 2021, sobretudo pelo desempenho esperado para a economia dos EUA.

